

ASPECTOS DA PROSÓDIA DO FOCO NO PORTUGUÊS EUROPEU*

Sonia Frota
Universidade de Lisboa
(Faculdade de Letras e Centro de Lingüística)

I – INTRODUÇÃO

Num estudo anterior (Frota 1992), argumentámos a favor das vantagens de se admitir a existência de uma gramaticalização fonológica do Foco em algumas línguas e mostramos que o Português Europeu (PE) pode ser tomado como um caso ilustrativo.¹ Esta possibilidade de gramaticalização deriva de uma forma natural de posições já tradicionais na literatura generativa – veja-se a citação (1a) –, mas encontra-se em desacordo com desenvolvimentos mais recentes do modelo gramatical generativo – veja-se a citação (1b).

- (1) a. ... *The focus is the phrase containing the intonation center...*
(Chomsky 1971:200)
- b. ... *focus constituents must be identified at the level of S-structure for otherwise – given the model of core grammar assumed here [...] – main sentence-stress assignment applying in PF, and Focus-interpretation, applying in LF, would not necessarily converge on the same constituent.*
(Horvath 1986:116)

Assumindo que o Foco existe na GU, a variação inter-lingüística que caracteriza os fenómenos de Foco poderá derivar do modo como se dá a gramaticalização do Foco numa língua particular. As potenciais formas de gramaticalização, encaradas de um ponto de vista teórico, encontram-se reunidas em (2):

* Agradeço a Bob Ladd as várias conversas sobre Prosódia durante a ESSLLI em Lisboa, no Verão de 1993. A Marina Vigário, pelos seus comentários atentos, e a Céu Viana, pelas suas observações úteis, os meus agradecimentos. Ainda um grande obrigado a Marina Nespor pelas suas sugestões. Esta investigação esteve na base de uma comunicação apresentada no *Workshop on Phonology*, que decorreu na Universidade de Coimbra, em Setembro de 1993.

¹ Usamos a noção de FOCO no sentido de Chomsky (1971) e Jackendoff (1972).

- (2) a. o Foco é um morfema (ou partícula);
 b. (i) o Foco é uma categoria sintáctica não-lexical com uma posição definida na estrutura da frase;
 (ii) o Foco é um traço sintáctico atribuído, em condições estruturais definidas, por uma categoria lexical a outra categoria lexical;
 c. o Foco é um traço fonológico que pode associar-se a um dado constituinte num dado domínio prosódico.

Partindo deste quadro de possibilidades, sugerimos que as línguas podem agrupar-se em dois grandes tipos: Tipo I ('*mais sintáctico*') em que acento e entoação, por si só, não são suficientes para fazer de um constituinte o Foco, como no Húngaro, Basco, Aghem ou Hausa; e Tipo II ('*menos sintáctico*') em que acento e entoação são suficientes para fazer de um constituinte o Foco, como no Inglês e PE.² Esta hipótese de diferentes gramaticalizações conduz a duas predições interessantes no que respeita à construção dos constituintes fonológicos ("phonological phrasing") e à caracterização prosódica do Foco.³

Prediz-se que numa língua de Tipo I o Foco afecta (indirectamente, isto é, através da sintaxe) a construção dos constituintes fonológicos, enquanto numa língua de Tipo II o efeito do Foco nos constituintes se dá a um nível diferente: o Foco afecta a reestruturação de certos domínios prosódicos e/ou a atribuição de proeminências. Estudos sobre várias línguas sugerem que esta predição se confirma (e o caso do Hausa e do Húngaro para línguas de Tipo I, e do Italiano e do Inglês para línguas de Tipo II).⁴ Prediz-se também que numa língua de Tipo II é possível encontrar diferenças na caracterização prosódica do Foco entre (i) sequências em que existe informação de foco lexical ou sintáctica (como clivadas, ou frases com certos quantificadores ou advérbios, ou ainda frases com constituintes des-

² Línguas de Tipo II são aquelas em que a possibilidade de gramaticalização (2a) ou a possibilidade (2b) são realizadas. Uma língua em que seja a possibilidade (2c) aquela que é a determinante para o Foco é uma língua de Tipo I. Para mais detalhes, veja-se Frota (1992), onde as várias consequências das diferentes gramaticalizações do Foco são discutidas e alguns argumentos a favor da gramaticalização fonológica do Foco no PE são apresentados (como a colocação do clítico e a relação entre o Foco e as interrogativas Qu-).

³ A primeira das predições foi já apresentada em Frota (1992).

⁴ No Hausa, o efeito do Foco na construção dos constituintes fonológicos dá-se ao nível do sintagma fonológico ("phonological phrase" - ϕ). No Húngaro, este efeito manifesta-se ao nível do sintagma entoacional ("intonational phrase" - I). Em ambas as línguas, uma cláusula específica do algoritmo de construção dos constituintes se refere ao Foco: no Hausa, os elementos proeminentes formam os seus próprios ϕ s (cf. Zec e Inkelas 1990:370); no Húngaro, um constituinte focalizado tem de ser o elemento mais à esquerda de um I que o contenha juntamente como todos os ϕ s à sua direita, tendo como limite um outro constituinte com uma função lógica ou o fim da frase (cf. Vogel e Kenesei 1990:359). Numa língua de Tipo II, cláusulas deste género não surgem nos algoritmos de construção dos constituintes fonológicos (cf. Nespor e Vogel 1986 e Beckman e Pierrehumbert 1986).

locados), e (ii) sequências em que a única informação de foco existente é a fonológica (isto é, frases com 'Foco Livre' ("free focus")). Apesar de ser esperada uma realização prosódica do Foco em ambos os tipos de sequências, espera-se também uma diferença prosódica dada a co-ocorrência de vários meios de indicar a informação de foco no primeiro caso, contra a presença de um só meio no segundo caso.

Este estudo visa testar estas predições, no que diz respeito ao PE, procurando uma resposta, ainda que preliminar, para as seguintes perguntas:

- (3) a. Qual o efeito do Foco na construção dos constituintes fonológicos, no PE?
 b. Qual é a caracterização prosódica do Foco, em termos de proeminência e de entoação, no PE?

Pensamos que uma resposta a (3a) implica uma discussão global da hierarquia prosódica do PE, do mesmo modo que uma resposta a (3b) implica uma discussão global do sistema entoacional do PE. Não se pretende que seja este o lugar para uma discussão de tal natureza, mas apenas para a formulação de uma primeira resposta às questões colocadas.

A abordagem aqui seguida desenvolve-se, simultaneamente, no quadro da Fonologia Prosódica e no quadro da Fonologia Entoacional.⁵

2 - METODOLOGIA

Com o objectivo fundamental da descoberta de factos relevantes para o conhecimento tanto dos constituintes fonológicos, como dos padrões entoacionais, foi concebido um *corpus* que proporciona dados instrumentais sobre estes dois tópicos em estudo.

As evidências para os constituintes fonológicos podem ser de três tipos: (i) segmentais (regras fonológicas que tomam constituintes fonológicos como o seu domínio de aplicação); (ii) duracionais (alongamentos em fronteira de constituinte); e (iii) entoacionais (tons associados a fronteiras de constituintes). Estes três tipos de evidências foram tidos em conta na concepção do *corpus*.

Evidências para os padrões entoacionais que caracterizam o Foco foram coligidas através da elicitación de produções em que o falante é conduzido a destacar um constituinte em resposta a um determinado contexto.

⁵ Para o desenvolvimento e aplicação destes quadros teóricos, veja-se Nespor e Vogel (1986), Beckman e Pierrehumbert (1986), Pierrehumbert e Beckman (1988), Hayes e Lahiri (1991), Ladd (1992), Grice (1992), entre outros. A notação utilizada é a de Nespor e Vogel para os domínios prosódicos e a de Hayes e Lahiri para os fenómenos tonais.

As frases em (4) ilustram os materiais que foram lidos por dois falantes nativos do PE, do sexo feminino (note-se que as frases não apresentam pontuação interna).

- (4) a. Declarativas Neutras:
As alunas ofereceram-lhe rosas.
- b. Frases-Q (com um quantificador):
As alunas todas ofereceram-lhe rosas.
- c. Frases-D (com um constituinte deslocado):
Palavras duras a velhota disse à neta.
Palavras duras a velhota lhe disse.
- d. Frases-F (com 'Foco Livre'):
As alunas ofereceram AS ROSAS ao monitor.
[em resposta a *O que é que as alunas ofereceram ao monitor?*]

Todas as produções das frases foram foneticamente transcritas. A duração das vogais acentuadas, bem como a duração da última vogal e da última sílaba de cada palavra foram medidas. Os contornos de Fo de cada frase foram traçados e analisados. Na esteira de Pierrehumbert e Beckman (1988), o contorno de Fo é tomado como a representação fonética da entoação. Nessa medida, a análise dos contornos de Fo aqui elaborada concentra-se na relação entre os factos fonéticos e as categorias tonais subjacentes que estes factos realizam.

Os resultados obtidos pela análise do *corpus* principal (*Corpus I*) foram confrontados com os resultados de uma análise anterior de um *corpus* mais vasto produzido por 5 falantes (*Corpus II*).⁶

Finalmente, foi concebido um pequeno *corpus* (*Corpus III*) para verificação dos resultados obtidos, no que respeita à entoação do Foco. Este *corpus* contém respostas de uma palavra a perguntas que conduzem ou a uma resposta neutra, ou a uma resposta marcada, como exemplificado em (5) (os parenteses rectos delimitam a frase-contexto).

- (5) a. [Os rapazes saíram?] Saíram.
b. [Os rapazes chegaram?] Saíram.

A Fig. 1 apresenta uma síntese dos materiais que constituem a base experimental do presente estudo.⁷

⁶ Este corpus contém frases-Q e constitui parte dos materiais coligidos, analisados e discutidos em Frota (1991).

⁷ Todos os falantes vivem em Lisboa, possuem instrução de nível universitário e as suas idades variam entre os vinte e os trinta anos. SF é a autora.

| Falantes | Corpus I | Corpus II | Corpus III |
|----------|----------|-----------|------------|
| MJ | 42 | - | - |
| MV | - | 26 | 9 |
| SF | 24 | 26 | 9 |
| IF | - | 27 | - |
| AC | - | 26 | - |
| CR | - | 26 | - |
| Totais | 66 | 131 | 18 |

Fig. 1. Total de produções analisadas

3 – EVIDÊNCIAS PARA OS CONSTITUINTES FONOLÓGICOS NO PE

Até onde conhecemos, Viana (1987) é o único estudo em que a formação de domínios prosódicos, no PE, é abordada. Por esta razão, e também porque apresenta a primeira descrição da entoação do PE no quadro autosegmental e métrico, Viana (1987) constitui um marco inspirador para o estudo da prosódia desta língua particular.

Segundo Viana, os domínios prosódicos existem no PE e são necessários para se dar conta de alguns processos fonológicos e de alguns factos entoacionais. Se os últimos são alvo de uma atenção pormenorizada, os primeiros são apenas brevemente mencionados na frase citada em (6).

- (6) ... é necessário postular diferentes domínios prosódicos [...] que encontram justificação em processos fonológicos que têm como limite unidades prosódicas entre a palavra e a frase ou o enunciado, e que a análise entoacional corrobora.

(Viana 1987:110)

Na secção que se segue, observam-se alguns fenómenos segmentais acima do nível da palavra e discutem-se os domínios de ocorrência destes fenómenos.

3.1 – Regras fonológicas

O PE apresenta duas regras segmentais que afectam a fricativa na coda especificando o seu vozeamento de acordo com o vozeamento do elemento a ela adjacente na sílaba seguinte, e especificando o seu ponto de articulação de acordo com a ausência/presença de um ataque vazio na sílaba que se segue. Dado que estas regras são referidas na literatura como aplicando-se entre palavras (cf. Andrade 1977), investigámos o seu domínio de aplicação.

Assumindo os algoritmos de construção do sintagma fonológico ("phonological phrase" – ϕ) e do sintagma entoacional ("intonational phra-

se" - I) apresentados em Nespor e Vogel (1986), os exemplos em (7) mostram que estas regras se aplicam em fronteira de ϕ , mas não em fronteira de I.⁸ Se admitíssemos a sua aplicação apenas no domínio de ϕ , o caso do SN/A em (7b) poderia ser explicado pela reestruturação de ϕ : um ϕ não-ramificado no lado recursivo da cabeça lexical é integrado no ϕ que contém essa cabeça. No entanto, esta explicação não dá conta da aplicação das regras entre os dois complementos verbais ou entre o SN sujeito e o SV (como em (7c)). O único contexto em que as regras não se aplicam é em fronteira de I, como em (7d), em que o SN objecto foi deslocado para a esquerda através de um movimento de topicalização.

- (7) a. [As_αalunas] ϕ [todas] ϕ [ofereceram-lhe] ϕ [rosas] ϕ
 b. [As_αalunas] ϕ [gordas] ϕ [ofereceram-lhe] ϕ [rosas] ϕ
 c. [As_αalunas] ϕ [ofereceram] ϕ [as_αrosas] ϕ [ao monitor] ϕ
 d. [[Palavras] ϕ [duras] ϕ]I | [avelhota] ϕ [disse] ϕ [à neta] ϕ

Partindo da formulação destas regras apresentada em Andrade (1977), (8) constitui uma proposta para a sua reformulação como regras de interior de domínio ("domain span rules").

- (8) $\left[\begin{array}{l} + \text{cont} \\ + \text{cor} \end{array} \right] \rightarrow \left[\begin{array}{l} - \text{ant} \\ \alpha \text{ voz} \end{array} \right] / \left[\text{I} \dots \left[\begin{array}{l} \text{C} \\ \alpha \text{ voz} \end{array} \right] \dots \right] \text{I}$
 $\left[\begin{array}{l} + \text{cont} \\ + \text{cont} \\ + \text{cor} \end{array} \right] \rightarrow [+ \text{voz}] / \left[\text{I} \dots [\dots]_w [\text{V} \dots]_w \dots \right] \text{I}$

O Foco não bloqueia a aplicação destas regras, pois ela verifica-se quer à direita, quer à esquerda do constituinte focalizado. Este facto é bem visível em produções da frase (7c) com o objecto directo [as rosas] ou o objecto indirecto [ao monitor] focalizados, ou ainda nas produções da frase (7a), dado que o quantificador [todas] tende a ser sempre focalizado. Por conseguinte, a presença do Foco não implica a presença de uma fronteira de I.

Uma comparação entre (7d) e (9) mostra claramente que nem todos os constituintes deslocados formam obrigatoriamente um I. Em (9), o SN objecto [palavras duras] foi focalizado e não topicalizado. Como se verá adiante, este contraste entre a focalização e a topicalização é também corroborado por evidências duracionais e entoacionais para uma diferente estrutura prosódica.

- (9) [Palavras] ϕ [duras] ϕ [a velhota] ϕ [Ihe disse] ϕ

⁸ Em todos os exemplos apresentados neste estudo, ϕ indica a aplicação de uma regra e | indica a sua não-aplicação.

Até ao momento, foi apenas mencionada uma distinção categórica entre aplicação e não-aplicação de regras. No entanto, uma observação do detalhe fonético revela a presença de uma tendência para o desvozeamento que apresenta uma correlação com a hierarquia prosódica. Esta tendência não se verifica dentro de SNs, mas é preponderante na fronteira entre SN/SV e entre SN/SP, excepto se um dos constituintes se encontra focalizado (ver Fig. 2).

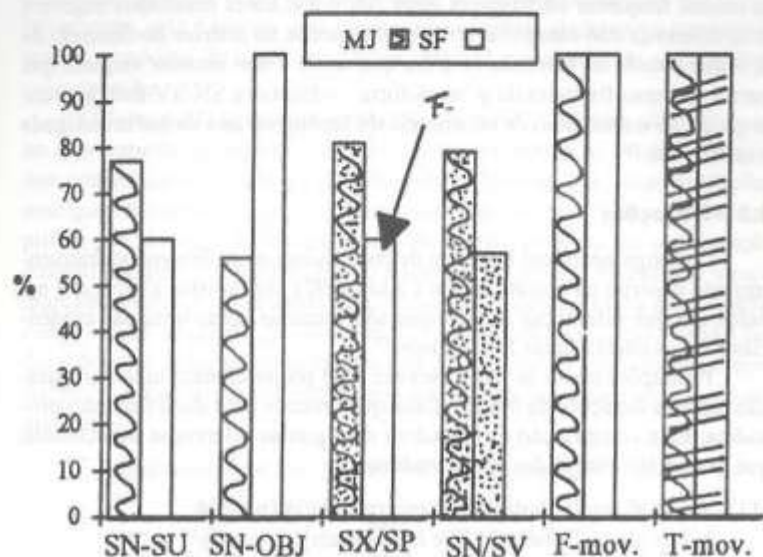


Fig. 2. As barras vazias representam o vozeamento; as ponteadas o desvozeamento; as riscadas o não-vozeamento.

Tais observações sugerem que o vozeamento pleno se dá no domínio de ϕ e que o desvozeamento é favorecido em fronteira de ϕ . O Foco parece favorecer o vozeamento (em fronteira de ϕ) talvez por razões independentes, como o aumento de energia que caracteriza a sua produção.⁹ Todavia, pensamos que será necessário verificar o grau da correlação apontada através de uma experiência particularmente concebida para o efeito.

Um outro fenómeno segmental do PE que também ocorre acima do nível da palavra é aquele a que os gramáticos têm chamado *crase*: numa

⁹ Para pormenores sobre a realização acústica do Foco, ver Frota (1991:210, 223-225, 316-317, 370-371).

seqüência de duas vogais, uma em fim de palavra e a outra no início, ou se dá a fusão de ambas, ou uma delas é elidida.¹⁰

- (10) a. [Até a velhota]φ | [ascendeu]φ [a mestre]φ
 b. [Palavras]φ [duras]φ [disse]φ [a velhota]φ [a neta]φ

Os dados recolhidos, de que (10) é exemplo, mostram que este fenómeno é muito frequente no interior de NPs e também entre o verbo e o seu complemento, ou entre dois complementos verbais. Pelo contrário, e muito menos frequente na fronteira entre SN e SV. Estes resultados sugerem uma diferença não categorial entre o que sucede no interior do domínio de φ, o que sucede na fronteira de φ e o que tende a não suceder naquela que parece ser uma fronteira de φ 'mais forte': a fronteira SN/SV. Esta aparente gradação no domínio de ocorrência do fenómeno terá de ser investigada e clarificada.¹¹

3.2 – Durações

O alongamento em fronteira de constituinte é um fenómeno frequentemente descrito na literatura. Em Ladd (1992) são revistos alguns dos estudos em que diferenças duracionais são tomadas como uma das evidências para os constituintes fonológicos.¹²

Produções como as das frases em (11) proporcionam uma comparação entre as durações da última sílaba que precede uma dada fronteira prosódica. Esta comparação é reveladora de algumas diferenças duracionais, que devem ser entendidas como tendências.

- (11) a. [As alunas]φ [todas]φ [ofereceram-lhe]φ [rosas]φ
 b. [As alunas]I [todas]φ [lhe ofereceram]φ [rosas]φ
 c. [As alunas]φ [cozas]φ [ofereceram-lhe]φ [rosas]φ

A sílaba final do nome (N) do SN sujeito apresenta maior duração quando seguida por um adjectivo, como em (11c), do que quando seguida pelo quantificador, como em (11a). A duração da sílaba final de [alunas] é

¹⁰ O fenómeno é descrito na primeira gramática conhecida do Português nos seguintes termos: *Quando uma dicção acaba em vogal e outra dicção logo começa também em vogal, se são ambas de um mesmo género, misturam-se ambas e fazem uma vogal, e às vezes grande, de seu género de que elas eram [...]. E se são de diversos géneros, a primeira perde-se e a segunda [...] fica, e muitas vezes em maior quantidade [...]. Ainda, porém, que as vezes ficam ambas inteiras, maiormente se são diversas...* (Fernão de Oliveira, 1536/1975, chap. xxv). Tanto Barbosa (1822/72), como Sá Nogueira (1938) – para citarmos apenas dois exemplos – mostram que a crase no PE continua a apresentar contornos semelhantes.

¹¹ Pensamos que uma clarificação do papel da reestruturação fonológica, que parece constituir uma possibilidade forte no PE, é uma das chaves para o entendimento dos domínios mais alargados em que as regras podem ou não aplicar-se.

¹² Veja-se também Nespor e Vogel (1983, 1986) c, no que respeita ao alongamento em fim de frase no PE, Delgado Martins (1977) e Frota (1991). Até onde nos é dado conhecer, o alongamento em fim de constituinte no PE não foi ainda sistematicamente investigado.

ainda mais longa se este constituinte for um tópico marcado, como em (11b). Entre estes vários níveis de diferenças duracionais, dois são muito claros: a diferença entre (11a) e (11b), que se correlaciona com estruturas prosódicas distintas – uma fronteira de I é assinalada por um alongamento superior ao que caracteriza uma fronteira de φ. Pelo contrário, a diferença entre (11a) e (11c) é menos clara. Do ponto de vista dos constituintes fonológicos, ela poderá corresponder a uma diferença entre um caso de reestruturação de φ em (11a) contra um caso de não-reestruturação em (11c). No entanto, esta é apenas uma hipótese a pesquisar, dado que o comportamento prosódico do adjectivo parece instável e necessita de uma melhor compreensão.

O falante MJ apresenta produções da frase (11b) que são ambíguas no que respeita à estrutura prosódica, designadamente ao estabelecimento dos constituintes no âmbito do SN sujeito. Note-se que estas produções ambíguas são sentidas como agramaticais.¹³ Nestes casos – que (12) exemplifica – a duração da última sílaba de N está próxima da sua duração quando precede o adjectivo, isto é, é mais curta do que no caso do tópico marcado. Acrescente-se ainda que a duração da última sílaba do quantificador é mais longa do que no caso do tópico marcado. Esta inversão das durações dos alongamentos mostra que a fronteira de I não está presente em (12), o que explica a estranheza ou mesmo agramaticalidade destas produções.

- (12) * [As alunas]φ [todas]φ [lhe ofereceram]φ [rosas]φ

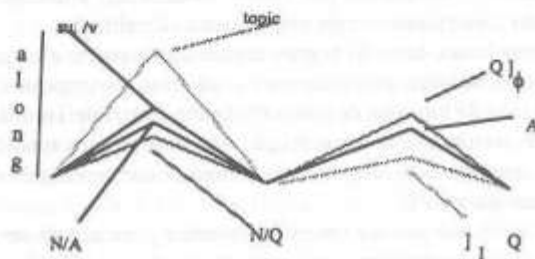


Fig. 3. Representação dos alongamentos em fronteira de constituinte. SU/V – o N precede imediatamente o V; N/A – o N precede imediatamente um A (11c); N/Q – o N precede imediatamente o Q (11a); TOPIC – igual a N/Q mas com a intervenção de uma fronteira de I (11b).

¹³ Numa frase como a (11b) é necessária a presença de uma fronteira de I, enquanto numa frase como a (11a) a presença desta fronteira não é permitida. Este contraste entre uma leitura em que o SN [as alunas] constitui um tópico marcado e uma leitura em que tal não se verifica encontra-se relacionado com uma diferença obrigatória na colocação do clítico, no PE: na primeira leitura (11b) o clítico é proclítico; na segunda (11a) o clítico é enclítico.

A Fig. 3 representa os graus relativos de alongamento em fronteira de constituinte verificados neste conjunto de frases.

Também a diferença entre um constituinte movido topicalizado e um constituinte movido em Foco encontra suporte em evidências duracionais. Nos constituintes topicalizados, a última sílaba do constituinte tem uma duração bem superior àquela que caracteriza a última sílaba do constituinte deslocado em Foco. A Fig. 4 representa este contraste.

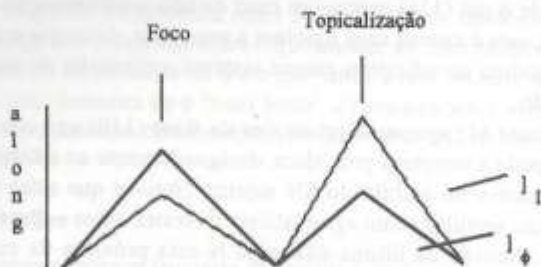


Fig. 4. Contraste de durações entre um constituinte movido topicalizado e um constituinte movido focalizado (como [Palavras duras]): durações relativas da última sílaba de cada palavra.

Quanto aos casos de Foco *in situ*, não foi detectada qualquer diferença duracional em fronteira de constituinte que pudesse distinguir estes casos daqueles em que os mesmos constituintes não são marcados. Todavia, o Foco é também assinalado por meios duracionais: a duração da vogal acentuada do constituinte é mais longa quando focalizado.

Em conclusão, tanto as regras segmentais como o alongamento em fronteira de constituinte proporcionam evidências convergentes no sentido da confirmação da hipótese de que o PE é uma língua de Tipo II:

(i) o Foco não afecta a construção dos constituintes fonológicos – os algoritmos que têm sido propostos para línguas como o Inglês ou o Italiano funcionam para o PE;

(ii) o Foco não conduz necessariamente à presença de uma fronteira prosódica, nem à direita nem à esquerda do constituinte focalizado.¹⁴

Como observação de ordem mais global, as evidências para os constituintes fonológicos no PE parecem claras e categóricas na definição do domínio de I, mas menos claras na definição do domínio de ϕ . De que modo estes resultados podem estar relacionados com a parametrização dos fenómenos de reestruturação no PE (ver nota 11) e qual a sua relação com a hipótese de domínios prosódicos compostos ("compound prosodic domains") proposta por Ladd (cf. Ladd 1992), são questões a explorar em investigação posterior.

¹⁴ Se nos casos mais fortemente marcados uma tal fronteira surgir, ela poderá ser explicada através de fenómenos de reestruturação, como no Inglês (cf. Beckman e Pierrehumbert 1986).

4 – A CARACTERIZAÇÃO PROSÓDICA DO FOCO: PROEMINÊNCIA E ENTOAÇÃO

Face aos resultados obtidos, foi verificado que o Foco não afecta a construção dos constituintes fonológicos no PE. No entanto, os mesmos resultados mostram que o Foco tem efeitos na atribuição das proeminências e nos padrões entoacionais das frases declarativas (o único tipo frásico em análise neste estudo).

Partindo do trabalho de Viana sobre o PE e dos trabalhos de autores como Pierrehumbert, Beckman, Ladd, Gussenhoven e Grice sobre a entoação de outras línguas, este estudo pretende contribuir para a construção de um quadro de análise que permita descrever o Japonês, o Inglês, o Alemão, o Holandês, o Italiano, ou o PE. Este é um objectivo que conduzirá necessariamente a algumas divergências entre a minha análise da entoação do PE e a análise proposta em Viana (1987).

4.1 – O Foco e a proeminência relativa

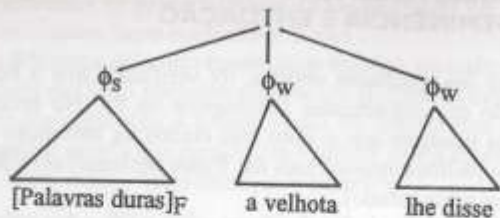
Os dados recolhidos apresentam um efeito duracional consistente que caracteriza o constituinte focalizado: a duração mais longa da sua vogal acentuada. Este facto é particularmente notório nas frases-F, em que a única informação de foco é a fonológica, mas é também uma característica das frases-Q e das frases-D, em que existem pistas lexicais ou sintácticas para o Foco. Importa acrescentar que, num estudo anterior (Frota 1991), foi também verificada a presença de um pico de energia elevado a caracterizar o constituinte em Foco.

Os efeitos de duração e de energia têm ambos a sua contrapartida ao nível da palavra: a vogal que recebe o acento lexical é caracterizada, como em outras línguas, por uma duração mais longa e por uma energia maior (cf. Delgado Martins 1977 e Andrade e Viana 1988 e 1989).

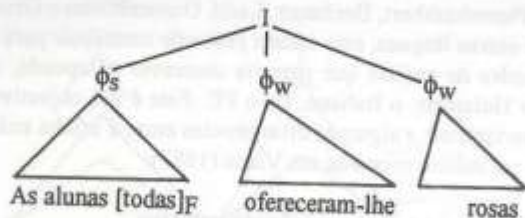
O Foco parece pois ser um fenómeno de tipo acentual, mas a um nível superior ao da palavra – o nível do sintagma. De acordo com os princípios gerais que estabelecem a configuração geométrica das árvores prosódicas (veja-se a sua apresentação em Nespor e Vogel 1986), o nó que domina o constituinte focalizado tem o valor *forte* (*s*) e a todos os nós-irmãos é atribuído o valor *fraco* (*w*), como ilustrado em (13). Isto significa que a presença do Foco se impõe às regras de atribuição de proeminência que operam nos enunciados neutros. Tratando-se de uma língua que ramifica à direita, no PE estas regras atribuem o valor *s* ao nó mais à direita do domínio de ϕ . À semelhança do Inglês ou do Italiano, a atribuição de proeminência não-marcada no domínio de I confere o valor *s* também ao nó mais à direita.¹⁵

¹⁵ Em Viana (1987) é o nó mais à esquerda do "grupo entoacional" (o constituinte que mais se aproxima de I) que recebe o valor *forte*. Esta atribuição de proeminência é assumida pela auto-

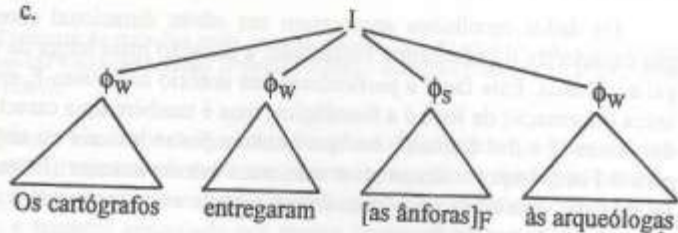
(13) a.



b.



c.

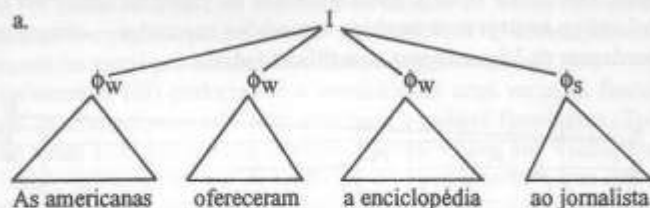


As diferenças entre padrões de proeminência marcados e não-marcados mencionadas em Nespor e Vogel (1986:191-192) podem, assim, ser derivadas da diferença entre a atribuição de proeminência neutra e a atribuição de proeminência ao constituinte que se encontra focalizado. Os detalhes de como se processa esta atribuição de proeminência marcada necessitam, naturalmente, de clarificação (como, aliás, os exemplos em (13) e (14) mostram). Todavia, a ideia de que o Foco é um fenómeno de tipo

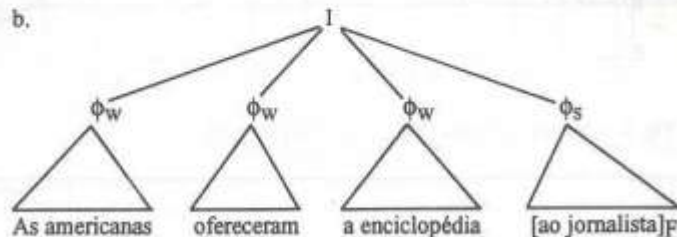
ra (ver Viana 1987:116) e não são apresentadas evidências ou argumentos a seu favor. Discordamos desta assunção pelas seguintes razões: (i) de acordo com os princípios que estabelecem a geometria das árvores prosódicas e também de acordo com os padrões gerais de proeminência relativa encontrados em outras línguas, tanto germânicas como românicas, esta assunção atribuí ao PE um comportamento inesperado e não explicado; (ii) tal comportamento parece ir contra as intuições de alguns autores que chegaram a pronunciar-se explicitamente sobre o assunto (veja-se, a título de exemplo, Sá Nogueira 1938:104-110); (iii) evidências experimentais também não confirmam tal assunção (cf. Frota 1991) – o alongamento em fim de frase e o padrão entoacional declarativo colocam claramente em evidência o constituinte mais à direita de um enunciado neutro.

acentual ao nível do sintagma, pelo menos no que respeita ao PE, parecidos teórica e empiricamente motivada.

(14) a.



b.



Existe um caso em que a proeminência neutra e a proeminência do Foco conduzem, aparentemente, ao mesmo resultado – o valor *s* é atribuído ao constituinte mais à direita, como (14a) e (14b), respectivamente, ilustram. Dado que, nestas produções a única informação de foco disponível é a prosódica, qual é a diferença (a existir alguma) entre (14a) e (14b)? Tratar-se-á de uma diferença escalar ou de uma distinção categórica? Se as ideias aqui expostas estiverem correctas, espera-se uma distinção categórica entre (14a) e (14b). E, de facto, serão os dados entoacionais a proporcionar evidências para esta distinção (ver secção 4.2.2.).

4.2 – A Entoação do Foco

Viana descreve a entoação das frases declarativas neutras, no PE, através da associação do tom H* da melodia H*L à sílaba acentuada que se encontra mais à direita na frase. A difusão ("spreading") do H para a esquerda até à primeira sílaba da frase, a difusão do L a partir da última sílaba até aquela a que o H está associado e a declinação estão na origem do padrão entoacional declarativo, exemplificado na Fig. 5. Nesta abordagem, a Condição de Boa Formação de Goldsmith (Goldsmith 1979) e a obediência ao OCP ao nível das melodias constituem a motivação principal para a difusão tonal (cf. Viana 1987:131, 134).

No entanto, como esperamos mostrar, um modelo fonológico que permita a subespecificação e em que o contorno de F_0 seja o resultado de uma interpolação entre alvos de F_0 que são as realizações fonéticas dos segmentos tonais H ou L parece-me não só capaz de descrever o padrão declarativo neutro, mas também os padrões marcados – campo em que a abordagem de Viana depara com dificuldades.

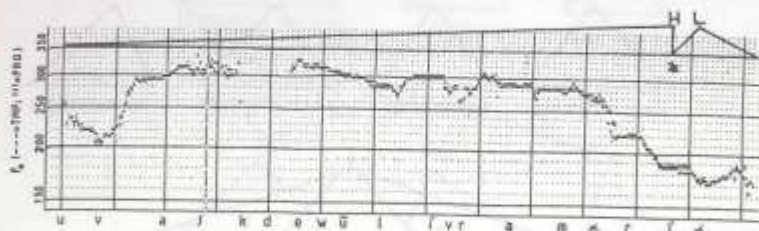


Fig. 5. Adaptação de Viana (1987), fig. 2.19 (A), p. 91.

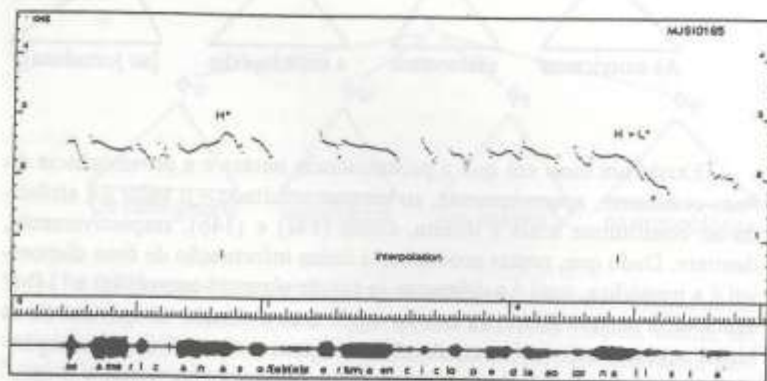


Fig. 6. Uma declarativa neutra, pelo falante MJ.

Uma comparação entre a Fig. 5 e a Fig. 6 mostra-nos que os factos fonéticos são semelhantes, mas a análise fonológica é diferente. Três aspectos merecem uma atenção particular:

(i) O recurso de Viana à difusão vai contra a re-associação preferencial referida em Goldsmith (1979) – um tom asterisco possui uma proeminência que os tons sem asterisco não possuem e consequentemente a associação de tons com asterisco deve dispor de um estatuto especial, para que esta diferença de proeminência seja preservada. Noutras palavras, a difusão de tons sem asterisco é preferida à difusão de tons asterisco;

(ii) Ao postularmos um tom alto pré-nuclear (H^*) não estamos necessariamente a incorrer numa violação do OCP, dado que o que tem de ser definido é o nível em que o OCP se aplica no PE (por exemplo, no In-

glês este princípio aplica-se apenas aos nós-irmãos dentro da estrutura do tom, segundo Grice 1992, enquanto no Bengali este princípio se aplica ao nível das sequências de tons ou melodias, segundo Hayes e Lahiri 1991);

(iii) A associação do tom asterisco na análise de Viana não conduz ao alinhamento esperado, pois o tom H^* da melodia H^*L é realizado sistematicamente na vogal pré-acentuada e não na vogal acentuada.

Obviamente, (iii) poderia ser o resultado de uma variação fonética no tempo de alinhamento, não relevante para a análise fonológica. Todavia, tanto a sua consistência nos exemplos apresentados em Viana, como os resultados da nossa análise da entoação do Foco mostram que este aspecto do tempo de alinhamento constitui a base de um contraste distintivo (ver secção 4.2.2.) que opõe tons dianteiros ("leading tones") a tons cauda ("trailing tones").

4.2.1 – A Entoação do Foco nas frases-Q e nas frases-D

Como foi demonstrado em Viana (1987) e em Frota (1991), o contorno de uma declarativa neutra caracteriza-se por uma subida inicial e uma descida final. Quando um foco ou um tópico marcado é introduzido, o contorno é localmente e por vezes também globalmente alterado.

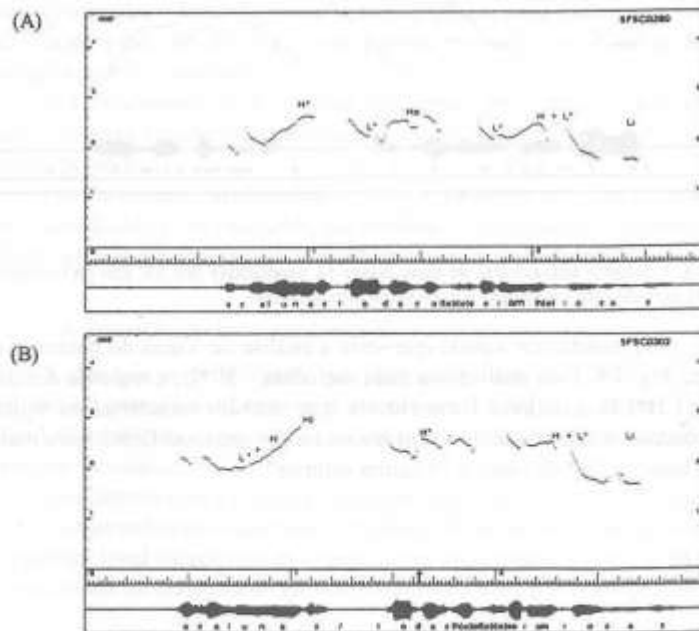


Fig. 7. Contorno entoacional de duas frases-Q, produzidas por SF Em (B) ou SN sujeito é um tópico marcado.

As Figs. 7A e 8A são exemplos representativos dos contornos de Fo das frases-Q e das frases-D. A principal diferença entre estes contornos e o de uma declarativa neutra é a presença de um maior número de acentos tonais ("pitch accents") e de tons fronteira ("boundary tones") no interior do contorno. A generalização adequada a fazer parece ser a seguinte: a um constituinte que contenha informação de foco lexical ou sintáctica é sempre associado um T* e, opcionalmente, um Tp.¹⁶ Quanto à descida final do contorno declarativo, ela não é afectada.

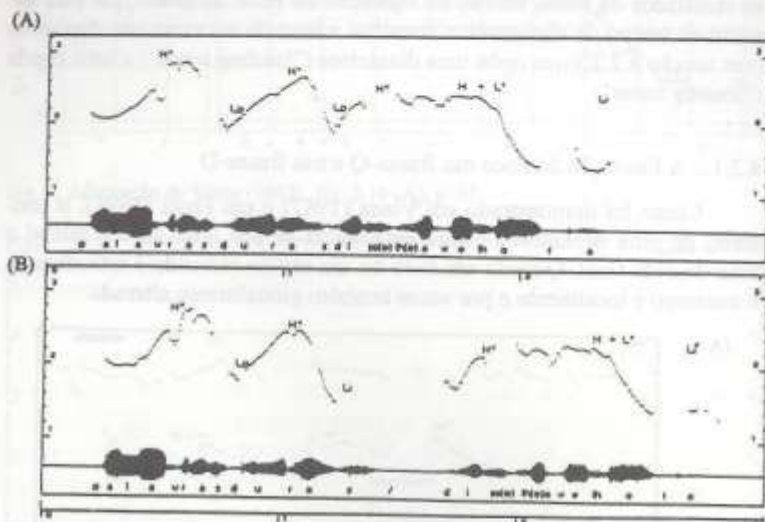
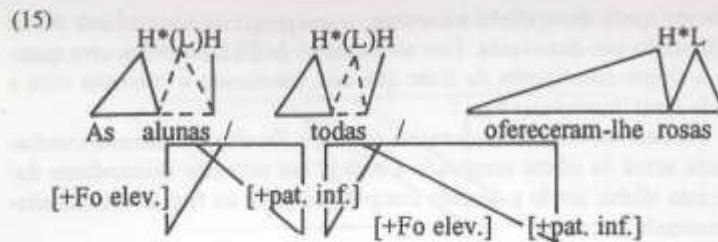


Fig. 8. Contorno entoacional de duas frases-D, produzidas por SF. Em (A) o constituinte movido está focalizado; em (B) está topicalizado.

(15) mostra-nos aquela que seria a análise de Viana do contorno de Fo na Fig. 7A. Esta análise usa duas melodias – H:*L, a melodia declarativa, e H*LH, a melodia inconclusiva, que também caracteriza os tópicos marcados – e recorre ainda a dois traços tonais que modificam estas melodias básicas: "Fo elevado" e "patamar inferior".



Um conjunto de observações se impõe:

(i) As duas primeiras seqüências são descritas pela mesma melodia, apesar de não existir, claramente, o L na primeira seqüência (note-se que Viana também questiona o papel do tom L nesta melodia, dado que ele parece estar presente nuns casos mas ausente noutros, de uma forma não regulada);

(ii) Na segunda seqüência o tom L está presente, mas não associado à última sílaba do constituinte difundindo para a esquerda, como seria de esperar de acordo com o sistema proposto por Viana;

(iii) O papel desempenhado pelos traços tonais não é claro, pois Fo elevado difunde-se para a direita enquanto patamar inferior se difunde para a esquerda, o locus de associação é diferente para cada traço, em alguns casos a difusão atravessa uma "ruptura prosódica" e as linhas de associação podem cruzar-se;

(iv) Finalmente, nesta análise não é possível captar o facto de as duas primeiras seqüências constituírem um grupo num dado nível da hierarquia prosódica.

Em conclusão, esta abordagem encontra problemas ao tentar descrever frases declarativas marcadas, daí resultando uma análise complexa que dificilmente se reconcilia com os contornos de Fo de facto observados.¹⁷

4.2.2 – A Entoação do Foco nas frases-F

Vimos que um constituinte que possua informação de foco lexical ou sintáctica é entoacionalmente marcado por um T* seguido por um Tp opcional. Consideremos agora os casos em que o Foco depende apenas da informação prosódica.

Os contornos de Fo na Fig. 9 são representativos dos padrões entoacionais observados nos materiais em análise. Pode-se verificar que o mesmo padrão tonal caracteriza os constituintes focalizados: no início da sílaba acentuada do constituinte encontra-se um Fo alto, que começa a descer

¹⁶ Nos termos de Hayes e Lahiri, um T* é um acento tonal ("pitch accent") e um Tp é um tom fronteira ("boundary tone") de sintagma fonológico (ϕ).

¹⁷ Apesar de os detalhes de implementação fonética estarem fora do escopo deste estudo, as observações realizadas sugerem que uma interpolação fonética entre alvos conduz a uma maior aproximação aos contornos de Fo produzidos.

depois do início desta sílaba e continua o seu percurso descendente até ao fim da sílaba pós-acentuada. Este movimento de F_0 também ocorre quando é o último constituinte da frase que está focalizado e contrasta com a descida final ilustrada na Fig. 5.

Na descida final da declarativa neutra, o F_0 alto encontra-se imediatamente antes da sílaba acentuada e está já em percurso descendente durante esta sílaba, sendo a descida completada junto ao fim da mesma sílaba acentuada.

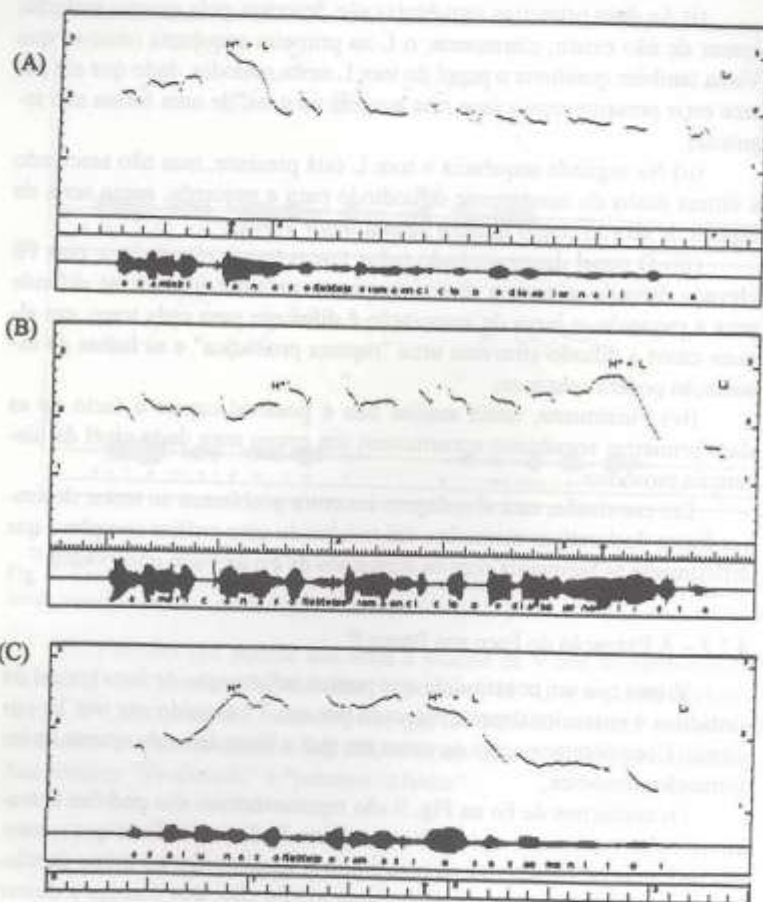


Fig. 9. Contorno entoacional de três frases-F, produzidas por SF.

O diagrama na Fig. 10 representa esta diferença no tempo de alinhamento do acento tonal H+L.¹⁸

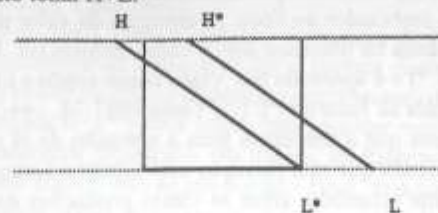


Fig. 10. O acento tonal da declarativa neutra e o acento tonal do Foco. O quadrado representa o domínio da sílaba acentuada

No contorno neutro, é o tom L que se encontra completamente dentro do domínio da sílaba acentuada, enquanto no contorno de Foco é o tom H que se encontra completamente dentro desse domínio. Propomos descrever este contraste através de dois acentos tonais diferentes: H+L* para o contorno neutro e H*+L para o contorno de Foco. O primeiro surge de forma consistente tanto nos *Corpora* I e II, como nos exemplos declarativos em Viana (1987). Outras evidências para o segundo, para além das que o *Corpus* I proporcionou, foram encontradas no *Corpus* III, como a Fig. 11 ilustra.

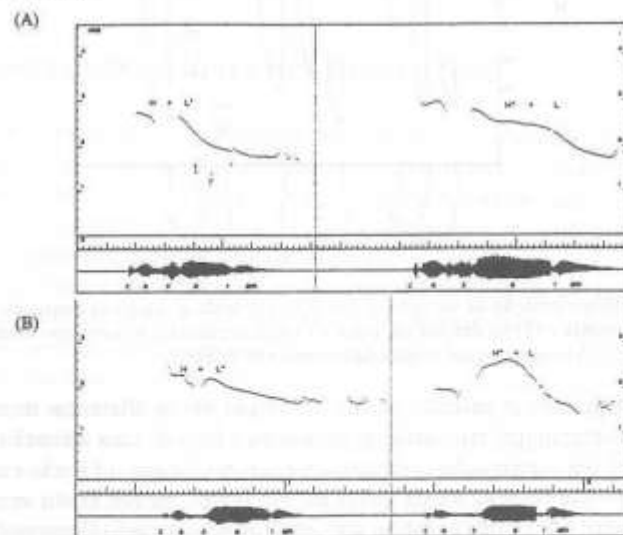


Fig. 11. Contornos entoacionais de respostas neutras e de respostas marcadas, pelos falantes SF (A) e MV (B).

¹⁸ A diferença foi representada de uma forma semelhante à usada em Grice (1992) de modo que uma comparação directa destes resultados com os obtidos para o Italiano de Palermo possa ser efectuada.

Poder-se-ia argumentar que o Foco eleva o valor do tom H e portanto dá origem a uma descida mais pronunciada de Fo, sendo estes os efeitos tonais relevantes associados ao Foco. A elevação do valor do H encontrase bem documentada na literatura sobre várias línguas (cf. Pierrehumbert e Beckman 1988:7) e é apontada por Viana como sendo a principal característica tonal ligada ao Foco no PE (cf. Viana 1987:74, 144-146).

Concordamos que a tendência para a elevação do H existe, mas os nossos dados mostram que esta elevação está sujeita a fortes variações, de falante para falante e também entre as várias produções da mesma frase pelo mesmo falante. Acrescente-se ainda que a elevação tanto pode ocorrer como não ocorrer – veja-se o contorno na Fig. 9C. A presença desta variação é claramente revelada ao compararmos o valor da descida de Fo dentro da sílaba acentuada no contorno declarativo com o valor da descida de Fo na mesma sílaba no contorno de Foco (ver Fig. 12).

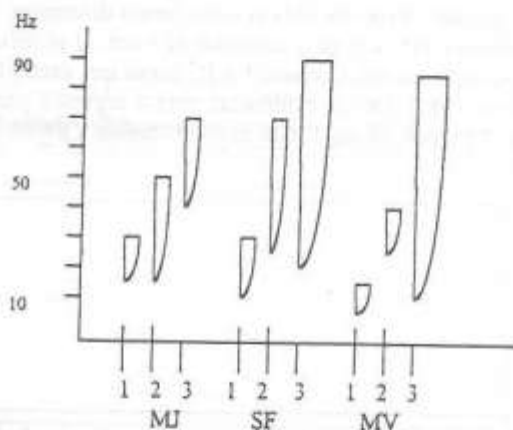


Fig. 12. Representação da variação de Fo: (1) na descida ao longo da consoante da sílaba acentuada e (2) na descida ao longo da vogal acentuada, no contorno neutro; (3) na descida ao longo da vogal acentuada no contorno de Foco.

O que não se encontra sujeito a variação são as diferenças de tempo de alinhamento que afirmamos constituírem a base de uma distinção categórica. Uma comparação com outras línguas revela que o PE não está sozinho no que respeita a esta distinção. No Inglês, parece existir um contraste entre L^*+H , que constitui um contorno pronunciado ("scooped contour"), e $L+H^*$ que não constitui. Os contornos pronunciados incluem na sua semântica a adição de ênfase (cf. os trabalhos de Pierrehumbert e colegas). No contorno "hat pattern" do Alemão e do Holandês, uma diferença semelhante existe em posição inicial de frase: H^* é o acento tonal pré-nu-

clear na declarativa neutra, mas L^*+H é o acento tonal utilizado na declarativa contrastiva (cf. Ladd 1992).

O trabalho de Grice sobre a entoação do Italiano de Palermo mostra-nos que nesta variedade do Italiano se faz a mesma distinção categórica que verificámos existir no PE: as declarativas apresentam uma forma tonal nuclear não-marcada $H+L^*$ e uma forma tonal nuclear marcada H^*+L que assinala um constituinte focalizado. No Italiano de Palermo, ambas as formas tonais podem ocorrer não só em posição final, mas também em posição não final. Grice refere que o mesmo não sucede no Italiano Standard (cf. Grice 1992:174) e, até onde nos foi dado verificar, o PE comporta-se como o Italiano Standard a este respeito. No PE os dois acentos tonais apresentam a seguinte distribuição: a forma neutra $H+L^*$ ocorre apenas em posição final; a menos que exista qualquer informação de foco lexical ou sintáctica, o Foco é assinalado pelo acento tonal H^*+L , tanto em posição não final, como em fim de frase.

Podemos, portanto, afirmar que a nossa predição acerca das línguas de Tipo II foi confirmada: no PE existe uma diferença entoacional clara entre uma sequência em que há informação de foco lexical ou sintáctica (como nas frases-Q ou nas frases-D) e uma sequência em que a única informação de foco é a fonológica (como nas frases-F).

5 - CONCLUSÕES E INVESTIGAÇÃO FUTURA

A prosódia do Foco no PE apresenta as seguintes características:

(i) O Foco não afecta a construção dos constituintes fonológicos e não conduz necessariamente à presença de uma fronteira prosódica – esta ausência de um efeito na construção dos constituintes é revelada por evidências segmentais, duracionais e entoacionais;

(ii) O Foco é um fenómeno de tipo acentual ao nível do sintagma: o nó que domina o constituinte focalizado possui proeminência forte e a todos os nós-irmãos é atribuída proeminência fraca;

(iii) Ao constituinte focalizado, com o valor s na árvore prosódica, está sempre associado um acento tonal: se existe informação de foco lexical ou sintáctica na frase, este acento tonal pode não ser específico do Foco; se a única informação de foco existente é a fonológica, este acento tonal é específico do Foco – trata-se da forma tonal H^*+L .

Estas características mostram-nos que o PE se comporta como foi predito para uma língua de Tipo II. Por conseguinte, a hipótese de uma gramaticalização fonológica do Foco em algumas línguas encontra-se agora reforçada por factos prosódicos, passíveis de uma descrição simples e de uma análise produtiva no âmbito do quadro teórico da Fonologia Prosódica e da Fonologia Entoacional.

Fiada ("tier") Prosódica
Sintagma Entoacional

Sintagma Fonológico

silaba

Fiada Tonal

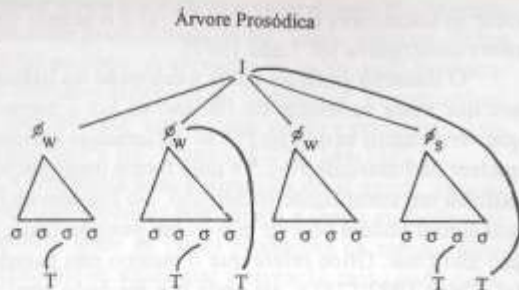


Fig. 13.

Por ora, apenas nos é possível apresentar um esboço da árvore prosódica do PE (ver Fig. 13). Nesta língua, parece existir variação paradigmática de tons quer em posição acentual, quer em fronteira de constituinte (como no Inglês), e parece existir também a possibilidade de posições vazias (como no Japonês). No entanto, grande parte da investigação encontra-se ainda por fazer e tanto os ramos como as folhas desta árvore prosódica esperam por um melhor entendimento que estudos futuros poderão proporcionar.

Referências

- ANDRADE, E. (1977) *Aspects de la Phonologie (Generative) du Portugais*. Lisboa: Publicações do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica.
- ANDRADE, E. e M. C. VIANA (1988) *O ritmo e o acento em português*. Comunicação apresentada no 2º Encontro Regional da Associação Portuguesa de Linguística em homenagem ao Professor L. F. Lindley Cintra, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- ANDRADE, E. e M. C. VIANA (1989) Ainda sobre o acento e o ritmo em português, *Actas do IV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 3-15.
- BARBOSA, J. S. (1822/71) *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa ou Principios da Grammatica Geral Aplicados á Nossa Linguagem*, 5ª ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.
- BECKMAN, M. e J. PIERREHUMBERT (1986) Intonational Structure in Japanese and English, *Phonology Yearbook* 3, 255-310.
- CHOMSKY, N. (1971) Deep structure, surface structure, and semantic interpretation, in D. Steinberg e L. Jakobovits (eds) *Semantics - an Interdisciplinary Reader in Philosophy, Linguistics and Psychology*, 183-216. Cambridge: CUP.
- DELGADO MARTINS, M. R. (1977) *Aspects de l'Accent en Portugais. Voyelles Toniques et Atones*. Universidade de Estrasburgo, Dissertação de Doutoramento de 3º ciclo.

FROTA, S. (1991) *Para a Prosódia da Frase: Quantificador Advérbio e Marcação Prosódica (somente alguns tópicos em foco)*. Universidade de Lisboa, Dissertação de Mestrado.

(1992) *Is Focus a Phonological Category in Portuguese?*. Comunicação apresentada no *Console I* Universidade de Utrecht.

GOLDSMITH, J. (1979) *Autosegmental Phonology*. Nova Iorque: Garland. (Dissertação de Doutoramento, 1976).

GRICE, M. L. (1992) *The intonation of interrogation in Palermo Italian - implications for intonation theory*. University College London, Dissertação de Doutoramento.

HAYES, B. e A. LAHIRE (1991) Bengali Intonational Phonology, *Natural Language and Linguistic Theory* 9, 47-96.

HORVATH, J. (1986) *Focus in the theory of grammar and the syntax of Hungarian*. Dordrecht: Foris Publications.

JACKENDOFF, R. (1972) *Semantic Interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

LADD, D. R. (1992) *Compound Prosodic Domains* ms. Universidade de Edinburgo.

NESPOR, M. e I. VOGEL (1983) Prosodic Structure Above the Word, in A. Cutler e D. R. Ladd (eds) *Prosody: Models and Measurements*. Berlin: Springer-Verlag, 123-140.

NESPOR, M. e I. VOGEL (1986) *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications.

OLIVEIRA, F. (1536/1975) *A Gramática da Linguagem Portuguesa*, 4ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda.

PIERREHUMBERT, J. e M. BECKMAN (1988) *Japanese Tone Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

SÁ NOGUEIRA, R. (1938) *Elementos para um Tratado de Fonética*. Lisboa: Imprensa Nacional.

VIANA, M. C. (1987) *Para a Síntese da Entoação do Português*. Dissertação para acesso à categoria de Investigador Auxiliar, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa - INIC.

VOGEL, I. e I. KENESEI (1990) Syntax and Semantics in Phonology, in S. Inkelas e D. Zec (eds) *The phonology-syntax connection*, 339-363. Chicago: UCP.

ZEC, D. e S. INKELAS (1990) Prosodically Constrained Syntax, in S. Inkelas e D. Zec (eds) *The phonology-syntax connection*, 365-378. Chicago: UCP.